

## A Construção da imagem de Sertório em *Vidas Paralelas* de Plutarco

Vanessa Viera de Lima  
PPGH-UFF  
vanessa\_v\_lima@yahoo.com.br

### Resumo:

Quinto Sertório foi um militar romano que participou das guerras civis de fins da República ao lado do grupo popular, atuando como um foco opositor ao governo de Sila. Sua resistência, conhecida como a “Revolta de Sertório”, localizou-se na Península Ibérica e atraiu diferentes segmentos sociais, englobando romanos dissidentes e hispanos. Tal personagem histórico, portanto, constitui um elo relevante para a compreensão dos desdobramentos políticos da República Tardia Romana. Dessa maneira, o presente trabalho se propõe a analisar, por via da leitura isotópica e da elaboração de um quadrado semiótico, como Sertório foi visto e traduzido em *Vidas Paralelas* de autoria de Plutarco. Obra esta que embasa em larga medida a construção da imagem de Sertório até a atualidade.

**Palavras-chave:** Quinto Sertório, República Tardia Romana e Plutarco.

### Abstract:

Quintus Sertorius was a Roman military who participated in the civil wars of the Republic purposes beside the popular group, acting as a focus of opposition to the government of Sulla. His resistance, known as the "Revolt of Sertorius" and located in the Iberian Peninsula, attracted various social segments, including Roman dissidents and Hispanics. This historic character, therefore, is an important link to understanding the political developments of the Late Roman Republic. Thus, this study aims to examine, through isotopic reading and the development of a semiotic square, how Sertorius was seen and translated into *Parallel Lives*, authored by Plutarch, a work that largely gives basis to the construction of the image of Sertorius to the present.

**Key-words:** Quintus Sertorius, Late Roman Republic and Plutarch.

De início devemos ressaltar que este trabalho é produto do projeto de mestrado *A Revolta de Sertório: motor de vinculação da Hispânia Citerior à lógica imperialista romana de fins da República*. Sendo Plutarco, autor de *Vidas Paralelas*, nossa principal fonte de análise.

Plutarco, ao lado de autores antigos como Apiano e Salústio, é fundamental para a compreensão da Revolta de Sertório por si e de certos desdobramentos políticos de fins da República, tanto no que concernem a seus reflexos para *urbs* quanto para a Hispânia Citerior, onde se desenrolou a revolta. Dessa maneira, analisar como a imagem de Quinto Sertório foi construída em *Vidas Paralelas* se constitui em uma chave essencial para a interpretação do que significou essa revolta e esse ator histórico dentro do contexto conturbado das guerras civis, da afirmação da prática imperialista romana nas Hispânicas e do conseqüente processo de vinculação destas províncias a Roma no século I aC.<sup>10</sup>

Sendo assim, dividiremos este artigo em três momentos: *O que foi a Revolta de Sertório?*, *Conhecendo Plutarco e sua obra* e *Uma leitura de Quinto Sertório com base em Plutarco*.

### O que foi a Revolta de Sertório?

A Revolta de Sertório é produto de um contexto histórico bastante conflituoso: as guerras civis romanas da República Tardia. Ela tem seu início em 82/81 a. C e se estende até 72 a. C, quando da morte de Sertório. Logo, esta revolta está situada no momento da primeira guerra civil, especificamente no governo de Sila, caracterizando-se como uma manifestação contrária a um governo considerado ilegítimo e, por conseguinte, contrária ao próprio Senado romano.

As guerras civis constituem um processo iniciado com as mortes dos irmãos Graco (133/121 a. C), que levou a uma desagregação do sistema republicano.<sup>11</sup> Isto porque as crises recorrentes que sucederam os conflitos políticos suscitados pelas suas tentativas de reforma agrária propiciaram o desencadeamento de uma eclosão de lutas sociais e políticas, na medida em que houve grandes anexações territoriais após as guerras púnicas, porém, com acesso restrito a grande maioria da população.<sup>12</sup> Assim, tal conjuntura permitiu o afloramento de forças que caracterizaram o processo de desagregação da República, como, por exemplo, o individualismo X coletivismo, isto é, a impossibilidade das instituições republicanas preservarem os interesses da *Res Pública* ante os interesses privados; a cisão no seio da elite romana; a formação de coligações políticas entre os círculos de liderança (populares X *optimates*);<sup>13</sup> entre outros exemplos. Destarte, este contexto histórico é definido por G. Alföldy como um período de crise política e social.<sup>14</sup> Seus conflitos, de

---

<sup>10</sup> VIDAL, J. M. “La irrupción de Hispania em los movimientos socioecómicos Del Mediterráneo Occidental durante las Guerras Civiles” in: *Gerión*. Vol. 20. Núm. 1, 2002. p.p.: 281 – 306. .

<sup>11</sup> MENDES, Norma. “O Sistema Político do Principado” in: SILVA, Gilvan V; MENDES, Norma M. *Repensando o Império Romano: Perspectiva Socioeconômica, Política e Cultural*. Rio de Janeiro: MAUAD; Vitória, ES: EDUFES, 2006. p. 22.

<sup>12</sup> ALFÖLDY, G. “A Crise Social da República e a Sociedade Romana” in: *A História Social de Roma*. Lisboa: Editorial Presença, 1989. p. 81 – 109.

<sup>13</sup> MENDES, Norma. “O Sistema Político do Principado” in: SILVA, Gilvan V; MENDES, Norma M. *Repensando o Império Romano: Perspectiva Socioeconômica, Política e Cultural*. Rio de Janeiro: MAUAD; Vitória, ES: EDUFES, 2006. p. 22.

<sup>14</sup> ALFÖLDY, G. “A Crise Social da República e a Sociedade Romana” in: *A História Social de Roma*. Lisboa: Editorial Presença, 1989. p. 81 – 109.

acordo com o mesmo autor, são passíveis de serem divididos em: lutas dos escravos, luta dos itálicos contra Roma, resistências dos habitantes das províncias contra o domínio romano e conflitos políticos entre os próprios cidadãos da *urbs*.<sup>15</sup>

Por conseguinte, destacamos as divergências existentes entre os próprios cidadãos de Roma, que geraram diferentes grupos políticos: os populares e os *optimates*. Desse modo, Mario e Sila, os dois principais expoentes desses conflitos, ligaram-se a facções contrárias. Mario (*homo novus* e general, originário de uma família proveniente da região do Lácio) se tornou partidário do grupo popular, enquanto Sila (general romano, descendente de uma tradicional família: os *Cornelii*) aderiu aos *optimates*. Quinto Sertório, por sua vez, era partidário dos populares, lutando ao lado de Mario.

Os *populares* compõem uma facção de senadores romanos defensores de uma maior intervenção das Assembléias populares na gerência da República, da atribuição da cidadania romana a povos conquistados e, em certa medida, da reforma agrária dos Graco. Tal grupo via no ato de ceder parte do poder a outros segmentos sociais, uma possibilidade de os senadores continuarem a administrar o governo. Já os *optimates*, por sua vez, constituíam uma facção de senadores conservadores que desejavam: limitar a participação das assembléias populares, impedir grandes mudanças nas instituições governamentais, a manutenção da tradição do *mos maiorum* e a restrição de concessão da cidadania romana a povos recém-conquistados.<sup>16</sup>

Tais divergências fomentaram uma grande disputa de poder, repleta de tomadas de Roma ora a favor de Mario ora de Sila. Assim, após inúmeros incidentes, em 88 a.C., Sila é eleito cônsul. Deste modo, quando os principais expoentes do grupo popular (Mario e Cina)<sup>17</sup> perderam força em Roma, os populares se dirigiram para a Hispânia, onde desde 81 a.C. Quinto Sertório se converteu em um pólo de atração das forças avessas a Sila. Segundo Plutarco, Sertório se dirigiu para a Hispânia, antecipando a sua ocupação “com poder de mando e autoridade”<sup>18</sup>, a fim de “preparar ali um refúgio para os seus amigos desgraçados”<sup>19</sup> nas guerras civis. Em outras palavras, Sertório, um habilidoso general romano, almejava a conquista de uma das mais importantes províncias romanas do ponto de vista da lógica imperialista, visando formar uma plataforma de oposição política a um determinado governo instaurado em Roma, tendo como aliados os romanos dissidentes e também os hispanos.<sup>20</sup>

É notório, portanto, que Sertório foi um cidadão e militar romano, que participou das guerras civis ao lado de Mário, destacadamente nas campanhas contra os gauleses, quando obteve prestígio e poder. O governo de Sila e do Senado era considerado ilegítimo por Sertório e pelo grupo popular, sendo esta crença a justificativa e a característica última da forte oposição deste cidadão a Roma. Sendo assim, Sertório ao se revoltar contra os

---

<sup>15</sup> “A Crise Social da República e a Sociedade Romana”

<sup>16</sup> RODRÍGUEZ, J. E. “La Baja República (146 – 31)” in: *Historia Antigua Universal: Historia de Roma*. Universidade de Valencia: Girha, \_\_\_\_\_. p. 37.

<sup>17</sup> Plutarco, Sertório, VI

<sup>18</sup> Plutarco, Sertório, VI

<sup>19</sup> Plutarco, Sertório, VI

<sup>20</sup> ARRAYÁS MORALES, Isaías. “La guerra de Sertori i les seves implicacions sobre el nord-est peninsular i el litoral Tarragoní” in: *Morfologia històrica del territorium de Tarraco em època tar-do-republicana romana o ibèrica final (SS. III – I a.C): cadastres i estructures rurals*. Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona, 2003. p.p.: 147 – 153.

*optimates* foi declarado por Sila um proscrito, perdendo, por conseguinte, sua cidadania, bem como seu direito de residir em Roma.<sup>21</sup>

A escolha da Hispânia como plataforma política de oposição a Roma se deve provavelmente ao fato de que em 83 a. C, Sertório foi designado governador da Hispânia Citerior, ao passo que Mario já havia governado a Hispânia Ulterior. Uma singularidade do

contra-governo sertoriano foi o seu empenho em alcançar uma certa colaboração entre hispanos e romanos dissidentes. O reflexo desta postura é vislumbrado através da formação de um grandioso exército a favor de seus princípios. As razões para a adesão hispana à guerra de Sertório consistem na luta contra, por um lado, um inimigo comum (o governo de Roma) e, por outro, os governos abusivos nas províncias e a promessa de uma política romana pautada na lei e na negociação, incluindo a moderação dos tributos cobrados.<sup>22</sup> Dito de outra forma, prometia-se um novo governo na província, porém ainda de orientação romana, que pode ser percebida em algumas estruturas governativas criadas por Sertório: formação de um Senado composto por romanos dissidentes; cargos de *questores* e *pretores*; concessões de cidadania romana; e a construção de uma “escola de romanidade” em Osca,<sup>23</sup> embasada no discurso de se formar “os filhos dos personagens [locais] mais distintos”<sup>24</sup> para futuramente ingressarem na política, o que nem sempre acontecia com tanta facilidade.

Dessa maneira, o contra-governo de Sertório foi alvo de intensos conflitos merecedores de plena atenção do corpo senatorial, já que as Hispânias eram detentoras de grande importância política, econômica, simbólica, entre outros, para Roma. O Senado e Sila, então, enviam dois comandantes à região, Metelo Pio (designado novo pró-cônsul da Hispânia Ulterior) e Pompeu (como renomado general romano e adepto dos *optimates* foi indicado à magistratura de pró-cônsul da Hispânia Citerior, principal área de influência sertoriana, a fim de fazer frente à Revolta de Sertório, o *último seguidor ainda ativo de Mario*).

Assim, após muitas batalhas envolvendo, de um lado, Sertório e seus aliados (romanos dissidentes e hispanos) e, do outro lado, o exército de Roma comandado por dois generais enviados pelo Senado (Metelo Pio e Pompeu), Sertório acabou perdendo influência entre parte de seus aliados e foi assassinado por um de seus militares, Perpênia,<sup>25</sup> devido a questões de disputas de poder no que tange a condução da revolta.

### Conhecendo Plutarco e Sua Obra

Plutarco foi um filósofo e biógrafo grego, que tem seu nascimento datado em 45 d.C e sua morte estimada em aproximadamente 125 d.C. Escritor de influências platônicas, Plutarco lecionou filosofia no governo do Imperador Domiciano e foi preceptor do futuro Imperador Adriano. Desse modo, durante o período em que viveu em Roma, Plutarco foi designado em 95 d.C sacerdote de Apolo em Delfos, devido ao seu prestígio como filósofo e como cidadão romano.

---

21 KONRAD, C. F. “Metellus and the Head of Sertorius” in: *Gerión*. Madri: Editorial da Universidade de Madri. n. 6, 1988.

22 ESPINOSA, Urbano. “Calagurris e Sertório” in: *Calaborra, bimilenario de su fundación. Actas del I Symposium de Historia de Calaborra*, Madrid 1984, pp. 189-199.

23 A cidade de Osca era considerada a capital sertoriana e constituía um de seus pilares de defesa e base estratégica, juntamente as cidades de Calagurris e de Ilerda.

24 Plutarco, Sert, XIV/XXII.

25 Plutarco, Sert, XXV

Destacamos que Plutarco é descendente de uma família aristocrata e, sob esta ótica escreveu sobre os mais diversos temas e homens ilustres. Entretanto, apesar das habilidades e conhecimentos desse cidadão, faz-se necessário ter em mente que o mesmo se propõe a escrever sobre personagens históricos, cuja vida transcorreu em um momento muito distinto do seu. Ou seja, Plutarco observou a República com os olhos do Império. Sendo assim, é atribuída a ele a autoria de muitas obras, as quais podem ser agrupadas em dois conjuntos principais: *Moralia* e *Vidas Paralelas*.

O presente estudo, como já foi dito, tem como base a interpretação de parte dos textos de *Vidas Paralelas*, já que há um livro destinado à vida de Sertório, bem como há outros que apresentam interseções fundamentais para a compreensão da revolta estudada e do período histórico em que ela ocorre, já que autor introduz ao longo da narrativa um panorama histórico da época em que viveram seus homens ilustres.

*Vidas Paralelas*, portanto, constitui-se em um conjunto de biografias, estruturado de uma forma bem singular. Isto porque Plutarco escrevia em parselhas, relacionado uma personagem histórica grega com uma romana, tecendo comparações claras entre ambas ao final dos dois livros “individuais”. Daí a obra também ser conhecida como *Vidas Comparadas* ou *Vidas dos Homens Ilustres*.

De acordo com Daniel Andrade, “são vidas paralelas porque, a despeito de sua singularidade, há um ponto, ainda que imaginário, onde se encontram, e é esse ponto que permite que sirvam de exemplo, que sejam exemplares, mesmo em sua diferença fundamental”.<sup>26</sup> Assim, Sertório e Eumenes (ambos generais; revoltosos contra o poder de Roma e do Império Macedônico, respectivamente; e traídos e assassinados por seus soldados) formam uma das 23 duplas de figuras exemplares que compõem *Vidas Paralelas* na atualidade. Suas semelhanças, bem como suas diferenças, são retratadas principalmente no trecho “Comparações entre Sertório e Eumenes”, onde Plutarco diz:

*Os feitos de guerra foram parecidos e semelhantes, porém de modos diferentes, tendo Eumenes um caráter belicoso e briguento e Sertório, em contrapartida, amante da paz e do repouso.*<sup>27</sup>

Dessa maneira, percebemos que a estrutura biográfica de Plutarco é singular, sendo distinta, em certa medida, da noção deste gênero literário na atualidade. A biografia na Antiguidade possui sua especificidade. Segundo Peter Burke:

*essas biografias [da Antiguidade e do Renascimento] não são (ou não são inteiramente) biografias no sentido que damos ao termo. Elas não discutem o desenvolvimento da personalidade, freqüentemente ignoram a cronologia e em geral introduzem materiais aparentemente irrelevantes, dando uma impressão de ausência de forma.*<sup>28</sup>

Analisando a obra de Plutarco nos deparamos com estas questões, principalmente no que concerne à cronologia. Ao que parece este não é um critério relevante para Plutarco, pois ele encadeia os acontecimentos por ordem temática, tópica ou de acordo com a própria fortuna de Sertório; a exceção dos capítulos 14, 16 e 17, pois estes estão relacionados diretamente com os anteriores. A cronologia, por conseguinte, é estabelecida

---

26 ANDRADE, D. P. “Vidas Paralelas: Foucault, Pierre Rivière e Herculine Barbin” in: *Tempo Social*. Revista de Sociologia da USP, v. 19, n. 2. p. 2.

27 Plutarco, Comparação entre Sertório e Eumenes, II

28 BURKE, P. “A Invenção da Biografia e o Individualismo Renascentista” in: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro. n. 19, 1997. p. 1.

por via da comparação dos textos de Plutarco com outros autores antigos, como Tito-Lívio, Apiano e Salústio. Por outro lado, ainda temos de ter em mente que as nossas divisões de capítulos não são as mesmas feitas por Plutarco, na medida em que esta obra já passou por várias revisões.<sup>29</sup>

Tais características do gênero biográfico são enunciadas pelo próprio Plutarco, pois o termo *biographia* foi cunhado na Grécia no final do período Antigo, quando Plutarco já declarava escrever “vidas”. Dito de outra forma, em seu livro sobre Alexandre, o Grande, Plutarco relata uma importante distinção entre escrever história e escrever “vidas”. Nestas “havia espaço para abordar tanto a esfera privada quanto a pública, para descrever a personalidade individual através de pequenas pistas, ‘algo pequeno como uma frase’.”<sup>30</sup> Daí a importância da análise da construção da imagem de Sertório, pois ela permeia em larga medida a forma como o contexto histórico é abordado por este autor. Entender como Sertório é identificado, se ele foi um herói ou um mero proscrito na estrutura mental de Plutarco, é de suma relevância para compreender os desdobramentos por detrás da narrativa

### Uma leitura de Quinto Sertório com base em Plutarco

A própria eleição de Sertório por Plutarco para integrar *Vidas Paralelas* já denota a grande importância que este homem deteve na história da sociedade romana, uma vez que no Mundo Antigo as vidas que eram consideradas dignas para serem biografadas se restringiam a governantes, a filósofos renomados e a grandes generais.<sup>31</sup> Isto por que tal eleição perpassava por questões de prestígio político e social, de honra, de poder e de significância no transcorrer da História ou grega ou romana, já que Plutarco, como já foi dito, escrevia sobre estas duas civilizações.

Acredito que a significância da Revolta de Sertório para a história da República Romana Tardia e o poder adquirido por Sertório ao longo de sua trajetória política em meio às guerras civis foram os critérios preponderantes no que diz respeito a sua escolha, apesar de sua linhagem familiar ser “muito conhecida”<sup>32</sup>, sendo ele originário da cidade de Núrsia (“país dos Sabinos”) e órfão de pai.<sup>33</sup> Percebemos ao longo da estrutura textual que Plutarco reitera consideravelmente a condição de Sertório como admirador de sua mãe e órfão de pai, associando estas características à admiração de Sertório por Roma e à luta deste personagem pela pátria romana tanto ao lado dos partidários de Mário, quanto durante o seu contra-governo na Hispânia.

A imagem de Sertório é construída de modo dúbio por Plutarco, na medida em que há, concomitantemente, o enaltecimento de suas virtudes romanas (destacadamente as militares) e a apresentação de seus “defeitos”, os quais só podem ser compreendidos no interior da lógica republicana romana.

As virtudes de Sertório exaltadas por Plutarco, como já foi citado, estão inseridas no código de valores das tradições romanas, além de serem diretamente ligadas às perícias

---

29 KONRAD, C. F. “Metellus and the Head of Sertorius” in: *Gerión*. Madri: Editorial da Universidade de Madri. n. 6, 1988.

30 BURKE, P. “A Invenção da Biografia e o Individualismo Renascentista” in: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro. n. 19, 1997. p. 7.

31 “A Invenção da Biografia e o Individualismo Renascentista”. p. 4

<sup>32</sup> Plutarco, Sertório, II

<sup>33</sup> Plutarco, Sertório, II

bélicas. Tais virtudes, por sua vez, estão em pleno acordo com as dinâmicas expansionistas romanas, que se caracterizavam por um constante estado de guerra<sup>34</sup> e, principalmente, relacionam-se com o contexto das disputas civis no interior de Roma. Dessa maneira, Plutarco apresenta Sertório antes de tudo como um ótimo comandante militar, sendo ele

“astuto”,<sup>35</sup> “sagaz”,<sup>36</sup> “fecundo em estratagemas”,<sup>37</sup> “clemente”,<sup>38</sup> além de ser um “homem ativo e eficaz”,<sup>39</sup> executando “brilhantes façanhas”<sup>40</sup> militares.

Assim, algumas virtudes de Sertório nos são transmitidas mediante a sua comparação com outros grandes generais da Antiguidade. Nas palavras de Plutarco, Sertório era “mais fiel que Antígono com seus amigos”<sup>41</sup>. O conceito de fidelidade na sociedade romana possui implicações religiosas e políticas, as quais caminham lado a lado na República Romana. Segundo Cláudia Beltrão, “a *fides* era o fundamento mais forte da *amicitia*”<sup>42</sup> (relação de “amizade, lealdade e cooperação entre notáveis, de nível senatorial ou equestre”<sup>43</sup>) e da *clientela* (relação patrono-cliente ou “reciprocidade hierarquizada de proteção e serviço entre um notável e membros das classes mais humildes”<sup>44</sup>). Logo, a *fides* está na base das relações políticas estabelecidas na República Tardia. Tratava-se de uma virtude a qual os romanos eram particularmente sensíveis, sendo ela ligada a outros valores fundamentais à sociedade romana, como a *concordia*, a *virtus*, a *pietas* e a *iustitia*. Porém, a *fides* não é um dom natural, ela é uma qualidade daquele que teve a oportunidade de manifestá-la, de provar sua capacidade de proteção, de defesa e, principalmente, de fidelidade aos compromissos firmados. Portanto, a noção de *fides* é de suma importância para o sistema político romano. Dessa maneira, quando Plutarco diz que Sertório é mais fiel aos seus amigos do que Antígono, podemos inferir que Plutarco está fazendo alusão à fidelidade de Sertório para com o grupo popular e seus aliados políticos e militares, incluindo os romanos dissidentes, que o seguiam.

Além disso, segundo Plutarco, Sertório era “digno competidor da perícia de Metelo, da fortuna de Sila e de todo o poder dos romanos”<sup>45</sup>. Mais uma vez percebemos uma exaltação das habilidades bélicas, já que Metelo Pio e Sila também eram militares romanos. E, ainda, inferimos que Plutarco continua a valorizar as virtudes essencialmente romanas de Sertório, mesmo após este ter se rebelado contra o governo de Sila. Note-se que este recurso da retórica romana é usual. Em outras palavras, costumava-se engrandecer o “inimigo”, a fim de igualmente engrandecer a vitória romana.

Por outro lado, Sertório também é apresentado nesta obra como uma personagem histórica dotada de “defeitos”, quando comparados e contrapostos as virtudes valorizadas em Roma. Seu maior “defeito” seria a sua fortuna, ou seja, o seu destino, pois no Mundo

---

34 GUARINELLO, N. *Imperialismo Greco-Romano*. São Paulo: Editora Ática. Série Princípios, 1987.

35 Plutarco, Sertório, X

36 Plutarco, Sertório, X

37 Plutarco, Sertório, I

38 Plutarco, Sertório, X

39 Plutarco, Sertório, IV

40 Plutarco, Sertório, IV

41 Plutarco, Sertório, I

42 BELTRÃO, Cláudia. *Relações Políticas na República Romana Tardia: um estudo de vocabulário*. Niterói: Cadernos do ICHP - UFF, 2003.

43 “*Relações Políticas na República Romana Tardia: um estudo de vocabulário*”. p.12.

44 “*Relações Políticas na República Romana Tardia: um estudo de vocabulário*”. p.:13.

45 Plutarco, Sertório, I

Romano a deusa Fortuna não está ligada nem à “boa sorte” e nem à “má sorte”, como na atualidade.<sup>46</sup> De acordo com Plutarco, Sertório “foi inferior a todos, (...), na fortuna”<sup>47</sup> e a fortuna “foi sempre mais adversa a ele do que a seus mais poderosos inimigos”<sup>48</sup>. Desta forma, percebemos que *Vidas paralelas* traz uma certa valorização desta divindade, na

medida em que Plutarco aponta justamente a fortuna de Sertório como uma das causas de sua derrota. Vemos uma vez mais o engrandecimento do suposto inimigo de Roma e a valorização da vitória, já que a deusa Fortuna se colocou a favor da ordem senatorial.

Sertório possuía, contudo, outros “defeitos” quando comparados às virtudes romanas enaltecidas ao longo da obra, os quais eram decorrentes, em grande parte, da própria fortuna deste militar. Logo, Sertório foi descrito como um indivíduo “desterrado”<sup>49</sup>; “estrangeiro”<sup>50</sup>, ainda que tivesse sido um destacado cidadão romano eqüestre antes de Sila o declarar proscrito; e “cruel contra os que lhe ofendiam”<sup>51</sup>. Entretanto, ao longo de sua obra Plutarco exalta o caráter de Sertório, na medida em que acredita ser baseado em uma virtude cimentada na razão, ainda que tenha sofrido mudanças, devido às calamidades por que passou com o abandono da fortuna. Assim, de acordo com este mesmo autor, o caráter de Sertório foi se tornando gradativamente cruel ao longo da guerra. Por conseguinte, mesmo os defeitos de Sertório são abordados de forma a enaltecer a sua figura ao longo de toda a obra *Vida de Sertório*.

Dessa maneira, tendo-se em vista a construção dúbia da imagem de Sertório no nível do discurso de Plutarco, é possível tecer algumas considerações capitais sobre tal imagem com base no método do quadrado semiótico (VER GRÁFICO 1). Deste modo, temos dois véis de interpretação no quadrado semiótico elaborado.

Por um lado, há o percurso  $S1 \rightarrow - S1 \rightarrow S2$ , o qual euforiza a condição de cidadão romano de Sertório. Por outro lado, há o percurso  $S2 \rightarrow - S2 \rightarrow S1$ , que por sua vez euforiza a condição de chefe militar do mesmo. Lembrando-se, no entanto, que ambos os sentidos de leitura deste método são complementares e, portanto, não excludentes.

---

46 HARVEY, P. “Fortuna” in: *Dicionário Oxford de Literatura Clássica: Grega e Latina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987. p. 239.

47 Plutarco, Sertório, I

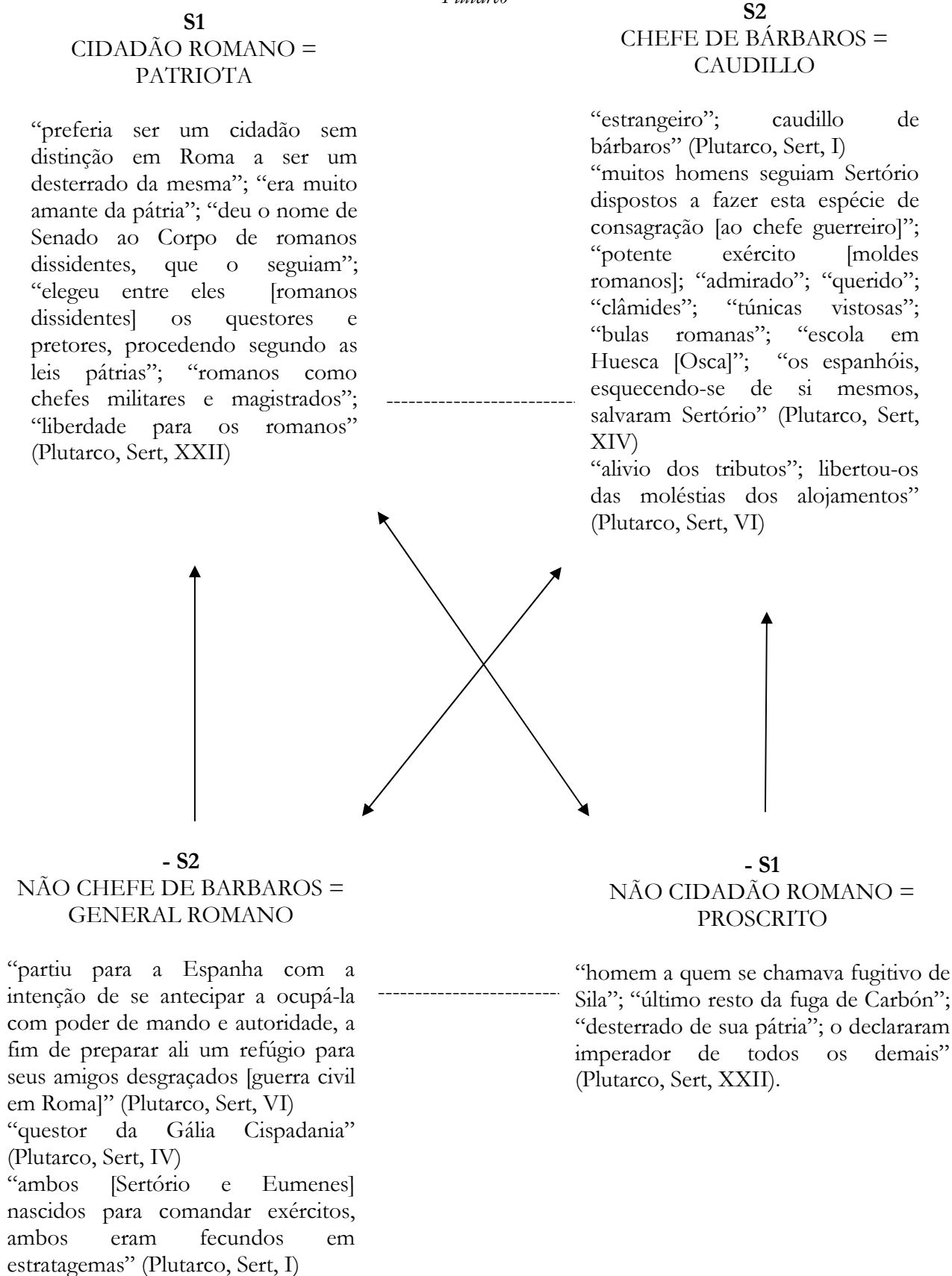
48 Plutarco, Sertório, I

49 Plutarco, Sertório, I, XXII

50 Plutarco, Sertório, I

51 Plutarco, Sertório, X

GRÁFICO 1: *Quadrado Semiótico: A Construção da Imagem de Sertório em Vidas Paralelas de Plutarco*



## Resumo:

Ao analisarmos o primeiro percurso, vemos que Sertório nos é apresentado como um cidadão romano, um digno patriota, já que ele “preferia ser um cidadão sem distinção em Roma a ser um desterrado da mesma”<sup>52</sup>, sendo “muito amante da pátria”<sup>53</sup>, dando, inclusive, “o nome de Senado ao Corpo de romanos dissidentes, que o seguiam”<sup>54</sup>, elegendo “questores e pretores, (...) segundo as leis pátrias”<sup>55</sup>. Além disso, primava pela “liberdade para os romanos”<sup>56</sup>. Entretanto, de acordo com Plutarco, quando Sertório se revolta contra o governo de Sila e do Senado ele perde a sua cidadania e a capacidade de residir em Roma, passando a ser narrado em *Vidas Paralelas* como um proscrito, isto é, um não cidadão romano. Isto por que Sertório se tornou o “homem a quem se chamava fugitivo de Sila”<sup>57</sup>, um “desterrado de sua pátria”<sup>58</sup>. Por conseguinte, há uma relação de implicação nessa obra. Sertório ao ser declarado um proscrito se coloca como um chefe de bárbaros, um caudillo, a quem muitos nativos seguiam dispostos a consagrar como chefe guerreiro. Sertório, então, é caracterizado como um “estrangeiro”<sup>59</sup> em relação a Roma, porém, “querido”<sup>60</sup> e “admirado”<sup>61</sup> pelos hispanos, embora seja patente na estrutura narrativa de Plutarco que Sertório não era ibérico e não se colocou em uma condição anti-romana, uma vez que sua revolta buscava restaurar o governo em Roma, já que a ditadura de Sila era considerada ilegítima pelo grupo popular.

Já o segundo percurso traz Sertório enfaticamente como um chefe militar, pois tal percurso se inicia com a caracterização de Sertório como um chefe de bárbaros<sup>62</sup>. Assim, este indivíduo, mais uma vez de acordo com Plutarco, foi um caudillo, que executou medidas importantes para a sua manutenção no poder na Hispânia, como o alívio dos altos encargos tributários impostos pelo governo de Roma<sup>63</sup> e a libertação dos provinciais da obrigação do alojamento militar em suas áreas de influência<sup>64</sup>. Além disso, Sertório construiu uma escola em Osca “para os filhos dos personagens mais distintos”<sup>65</sup> ingressarem na vida política por via do conhecimento greco-romano.<sup>66</sup> Em contrapartida, seguindo o segundo percurso, podemos identificar Sertório como um não chefe de bárbaros e, sim, como um general romano. Isto por que, de acordo com Plutarco, Sertório “partiu para a Espanha com a intenção de se antecipar a ocupá-la com poder de mando e

---

<sup>52</sup> Plutarco, Sertório, XXII

<sup>53</sup> Plutarco, Sertório, XXII

<sup>54</sup> Plutarco, Sertório, XXII

<sup>55</sup> Plutarco, Sertório, XXII

<sup>56</sup> Plutarco, Sertório, XXII

<sup>57</sup> Plutarco, Sertório, XXII

<sup>58</sup> Plutarco, Sertório, XXII

<sup>59</sup> Plutarco, Sertório, I

<sup>60</sup> Plutarco, Sertório, XIV

<sup>61</sup> Plutarco, Sertório, XIV

<sup>62</sup> Plutarco, Sertório, I, XIV

<sup>63</sup> Plutarco, Sertório, VI.; ESPINOSA, Urbano. “Calagurris e Sertório” in: *Calaborra, bimilenario de su fundación. Actas del I Symposium de Historia de Calaborra*, Madrid 1984, pp. 189-199..

<sup>64</sup> Plutarco, Sertório, VI.; ESPINOSA, Urbano. “Calagurris e Sertório” in: *Calaborra, bimilenario de su fundación. Actas del I Symposium de Historia de Calaborra*, Madrid 1984, pp. 189-199.

<sup>65</sup> Plutarco, Sertório, XIV

<sup>66</sup> LIMA, V. V. “Escolas de Romanidade: A Experiência Sertoriana” in: CANDIDO, M. R. (org). *Roma e as Sociedades da Antiguidade: Política, Cultura e Economia*. RJ: NEA/UERJ, 2008. p.p.: 104 – 107.

autoridade, a fim de preparar ali um refúgio para seus amigos desgraçados”<sup>67</sup> em meio ao contexto das guerras civis romanas, especificamente quando Sila assumiu o poder em Roma. Assim sendo, mais uma vez há uma relação de implicação em *Vidas Paralelas*, pois por Sertório ser um general romano, envolvido nas guerras civis e com os interesses acima esboçados, ele supostamente seria um cidadão romano patriota, defendendo a prerrogativa de “romanos como chefes militares e magistrados”<sup>68</sup> e “liberdade para os romanos”<sup>69</sup>. Dessa maneira, inferimos através do segundo percurso que Sertório foi, em última instância, um cidadão e um general romano, que se utilizou de diferentes estratégias nas Hispânicas para conseguir dominar a região, fazer uso de suas riquezas e também atrair hispanos para a sua revolta.

## Conclusão

Vemos que Sertório em *Vidas Paralelas* de Plutarco ora é descrito como um legítimo cidadão romano e ora é considerado um chefe de bárbaros. Contudo, a condição de Sertório que em nenhum momento da obra deixa de ser referenciada é a de habilidoso general, de militar. A meu ver, analisando *Vida de Sertório*, acredito que Plutarco destacou esta condição bélica de modo paralelo à valorização de Sertório enquanto cidadão romano, pois mesmo durante a sua revolta ele é enunciado como aquele que continuava seguindo as prerrogativas de sua pátria, não contestando a legitimidade da dominação romana nas áreas provinciais, inclusive na Hispânia Citerior. Portanto, percebemos que há um enaltecimento da figura de Sertório e, por conseguinte, uma valorização da vitória de Roma sobre este general. Sendo que tal vitória é atribuída à perícia de Pompeu Magno, à força de Roma e dos romanos e à própria fortuna de Sertório.

Entretanto, é ressaltado na obra analisada, que devido a sua revolta contra o Senado Romano, Sertório foi declarado um proscrito e teve sua cabeça posta a prêmio. De acordo com Plutarco, Metelo Pio ofereceu uma grande recompensa pela morte de Sertório,<sup>70</sup> a qual soma a quantia de 1000 talentos de prata (o equivalente a 6 vezes o censo necessário para a ordem eqüestre, enfatizando-se que o próprio Sertório era um eqüestre) e 20 000 *ingeras*.<sup>71</sup> Tal recompensa nos dá uma noção da importância que Quinto Sertório teve ao longo das guerras civis sob o âmbito dos conflitos políticos e das disputas de poder inerentes a República Romana Tardia; além de atestar a relevância desta personagem histórica em Roma, justificando a sua escolha pelo biógrafo Plutarco para compor *Vidas Paralelas*.

## DOCUMENTAÇÃO

PLUTARCO, “Vida de Sertório” in: *Vidas Paralelas*. Texto traduzido por Gilson César Cardoso. Vol. 3. São Paulo: Paumape, 1991. pp.: 352 – 379.

## BIBLIOGRAFIA

---

<sup>67</sup> Plutarco, Sertório, VI

<sup>68</sup> Plutarco, Sertório, XXII

<sup>69</sup> Plutarco, Sertório, XXII

<sup>70</sup> Plutarco, Sertório, XXII

<sup>71</sup> KONRAD, C. F. “Metellus and the Head of Sertorius” in: *Gerión*. Madri: Editorial da Universidade de Madri. n. 6, 1988.

ALFÖLDY, G. “A Crise Social da República e a Sociedade Romana”. In: *A História Social de Roma*. Lisboa: Editorial Presença, 1989. p. 81 – 109.

ANDRADE, D. P. “Vidas Paralelas: Foucault, Pierre Rivière e Hercule Barbin”. In: *Tempo Social*. Revista de Sociologia da USP, v. 19, n. 2.

ARRAYÁS MORALES, Isaías. “La guerra de Sertori i les seves implicacions sobre el nord-est peninsular i el litoral Tarragoní”. In: *Morfologia històrica del territorium de Tarraco em época tardo-republicana romana o ibèrica final (SS. III – I a.C): cadastres i estructures rurals*. Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona, 2003. p. 147 – 153.

BELTRÃO, Cláudia. *Relações Políticas na República Romana Tardia: um estudo de vocabulário*. Niterói: Cadernos do ICHF - UFF, 2003.

BURKE, P. “A Invenção da Biografia e o Individualismo Renascentista” in: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro. n. 19, 1997.

CARDOSO, C. F. S. “A SEMIÓTICA TEXTUAL E A BUSCA DO SENTIDO”, In: *Narrativa, Sentido e História*. SP: Papyrus, 1997.

\_\_\_\_\_. “Los métodos lingüísticos y semióticos en historia”. Notas de aulas, s/d.

ESPINOSA, Urbano. “Calagurris e Sertório” in: *Calaborra, bimilenario de su fundación. Actas del I Symposium de Historia de Calaborra*, Madrid 1984, pp. 189-199.

FRANCO, H. G. “Los sertori: uma gens de origen republicano en Hispania Romana” in: *Ibèria*, 3, 2000. p.p.: 243 – 252.

GREIMAS, A.J. & COURTÈS, J. *Dicionário de Semiótica*. SP: Cultrix, 1989.

GRIMAL, P. “Da República ao Império” in: *A Civilização Romana*. Lisboa: Edições 70, 1985. pp. 30-61.

GUARINELLO, N. *Imperialismo Greco-Romano*. São Paulo: Editora Ática. Série Princípios, 1987.

HARVEY, P. “Fortuna” in: *Dicionário Oxford de Literatura Clássica: Grega e Latina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

KONRAD, C. F. “Metellus and the Head of Sertorius” in: *Gerión*. Madri: Editorial da Universidade de Madri. n. 6, 1988.

LIMA, V. V. “Escolas de Romanidade: A Experiência Sertoriana” in: CANDIDO, M. R. (org). *Roma e as Sociedades da Antiguidade: Política, Cultura e Economia*. RJ: NEA/UERJ, 2008. p.p.: 104 – 107.

MENDES, Norma. “O Sistema Político do Principado” in: SILVA, Gilvan. V; MENDES, Norma M. *Repensando o Império Romano: Perspectiva Socioeconômica, Política e Cultural*. Rio de Janeiro: MAUAD; Vitória, ES: EDUFES, 2006.

RODRÍGUEZ, J. E. “La Baja República (146 – 31)” in: *Historia Antigua Universal: Historia de Roma*. Universidade de Valencia: Girha, \_\_\_\_\_. p. 37.

VIDAL, J. M. “La irrupción de Hispania em los movimientos socioecómicos Del Mediterráneo Occidental durante las Guerras Civiles” in: *Gerión*. Vol. 20. Núm. 1 (2002): 281 – 306.